

TONELO, Iuri. **NO ENTANTO, ELA SE MOVE: A CRISE DE 2008 E A NOVA DINÂMICA DO CAPITALISMO**. São Paulo: Boitempo e Edições Iskra, 2021. 286p.¹

Kleiton Wagner Alves da Silva Nogueira²

A temática da crise do capitalismo nas Ciências Sociais é central pela sua relevância acadêmica e social. Os impactos promovidos pelas crises econômica, social, ambiental/climática e humanitária desperta a abordagem de tais fenômenos do modo interdisciplinar. Nas Ciências Sociais, mais especificamente em autores clássicos como Karl Marx (1818 – 1883) e Friedrich Engels (1820 – 1895), a crise é pensada de modo correlacional com o modo de produção capitalista. Essa mesma reflexão é retomada por autores marxistas como Vladimir Lenin (1870 – 1924), Rosa Luxemburgo (1871 – 1919), Antonio Gramsci (1891 – 1937) e Leon Trótski (1879 – 1940) que presenciaram as transformações do capitalismo e das lutas de classes no século XIX e XX.

Dentro dessa perspectiva teórico-epistemológica o Sociólogo, Iuri Tonelo, Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) abordou a temática da crise a partir das determinações econômicas, políticas e sociais da crise financeira global de 2008. A tese principal defendida pelo autor no livro — **No entanto, ela se move: a crise de 2008 e a nova dinâmica do capitalismo** —, publicado pelas editoras Boitempo e Iskra, diz respeito ao fato de que essa crise implicou numa clivagem histórica, representando a derrocada da hegemonia neoliberal.

Essa clivagem promoveu reconfigurações e metamorfoses do próprio capital, mas também das relações de trabalho, ocasionando a emergência de conflitos sociais em distintos locais do mundo. Diante disso, o autor defende a ideia de que estamos vivenciando uma nova fase do neoliberalismo, que diferente das décadas de 1980 e 1990, é marcado pelo acirramento das lutas de classes e pela incapacidade de manutenção de sua hegemonia no plano internacional.

Do ponto de vista estrutural, a obra apresenta, além de um prefácio escrito pelo próprio Iuri Tonelo, e um posfácio produzido por Edison Urbano, Cientista Social formado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), um total de cinco capítulos: i) a dinâmica internacional pós-2008; ii) os fundamentos da crise; iii) reestruturação do mundo do

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

² Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Pesquisador de Pós-doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFCG, e integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Estado e Luta de Classes na América Latina (PRAXIS). E-mail: kleiton_wagner@hotmail.com

trabalho e resistência operária; iv) conflitos, movimentos sociais e fenômenos políticos; e v) a crise das ideias e as ideias da crise.

Destaca-se que Iuri Tonelo empreende um procedimento de pesquisa atrelado ao materialismo histórico-dialético, não deixando de pontuar a relação entre pesquisa e exposição, retomando assim, o procedimento de análise que Karl Marx realizou ao investigar o modo de produção capitalista. Dessa forma, no primeiro capítulo do livro temos a explicação das principais determinações que desembocaram na crise dos *subprimes* no ano de 2008, que longe de ser uma crise de ordem conjuntural, é a própria expressão da falência do capitalismo:

A crise econômica que irrompe em 2008, a chamada *Grande Recessão*, é a expressão da falência da dinâmica de acumulação do capital internacional durante quase três décadas, período conhecido como neoliberalismo. As contradições desse modelo, nos entanto, não se manifestaram a partir de lutas do mundo do trabalho em prol da transformação radical das sociedades, mas dos próprios limites atingidos pelo capital no interior de seu metabolismo social (TONELO, 2021, p. 17, grifo do autor).

Longe de uma visão teleológica da história, o autor consegue trabalhar com a explicação e exposição dos principais momentos da crise 2008, mostrando como no marco da totalidade essa crise foi se ramificando do centro para a periferia do capitalismo.

No segundo capítulo é possível identificar elementos itinerários que retomam o fio histórico da década de 1970, no qual Iuri Tonelo expõe, por evidências empíricas, o esgotamento do padrão keynesiano de acumulação, e a abertura de espaço para a financeirização mundializada do capital, marcando o ascenso da hegemonia neoliberal nas relações sociais de produção. Todavia, o autor enfatiza que o remédio encontrado pelos capitalistas para acumular capital mediante a financeirização irrestrita, é também o demiurgo da crise econômica de 2008. Essa constatação encontra referência nos apontamentos realizados por Karl Marx no volume três de *O Capital*, onde constata a predominância do capital financeiro e a tendência decrescente da taxa de lucro, elementos que Iuri resgata ao debater com os seguintes

autores marxistas: Michael Roberts³; Andrew Kliman⁴ e Alex Callinicos⁵.

No terceiro capítulo, é possível entender melhor a composição contemporânea da classe trabalhadora mundial, com destaque para o fenômeno da reestruturação produtiva e das novas formas de exploração, a exemplo da uberização, *machine learning*, e indústria 4.0 que se aprofundaram com a crise econômica de 2008:

Após a abertura da crise em 2008, o capital entrou em um impasse, a bancarrota do modelo de acumulação neoliberal sem a perspectiva de uma nova resolução de acumulação internacional. O resultado para o mundo do trabalho também não poderia ser outro. Não se tratou de negar os métodos do período neoliberal, já que não se tinha encontrado outro padrão de acumulação que pudesse levar a uma metamorfose completa e mais abrupta, mas de buscar aprofundá-las dentro das novas condições econômicas. Isso só poderia levar a formas de decomposição do trabalho e da estrutura produtiva de muitos países, em nome de engordar as massas de lucro de um conjunto de monopólios (TONELO, 2021, p. 116).

Nesse mesmo capítulo, o autor evidencia que estamos vivenciando uma nova fase de reestruturação produtiva do capital e das condições de trabalho e produção. Essa fase estaria superando de forma dialética o fordismo, o toyotismo e a acumulação flexível, aglutinando e aprimorando os mecanismos de exploração. A esse modo, ao retomar a perspectiva da teoria do valor contida na produção teórica de Karl Marx, Iuri Tonelo realiza uma contra-argumentação ao pensamento de autores como André Gorz⁶; Claus Offe⁷; Jürgen Habermas⁸ e Manuel Castells⁹ que defendem posições atreladas à uma sociedade pós-industrial. Contra tais autores e visões, argumenta que a exploração do capital sobre a força de trabalho não se realiza sem antes encontrar resistência no terreno da luta de classes em países como China, Índia e

³ Michael Roberts: Economista britânico de orientação marxista. É autor da obra: *The long depression: marxism and the global crisis of capitalism*, publicada no ano de 2016 pela editora Haymarket. Regularmente realiza análises conjunturais em seu blog: thenextrecession.wordpress.com.

⁴ Andrew Kliman: Professor emérito de Economia da Universidade Pace (Estados Unidos). É autor de diversos artigos sobre a crise capitalista. Trabalha com os seguintes temas de pesquisa: história econômica, teoria do valor, teoria da crise, pensamento marxista, etc.

⁵ Alex Callinicos: Professor de estudos europeus no King's College na cidade de Londres. Se dedica aos seguintes temas de estudo: economia política internacional; teoria social e política; marxismo.

⁶ André Gorz (1923-2007): Foi um escritor e filósofo de origem austríaca-francesa.

⁷ Claus Offe: sociólogo alemão de cariz marxista. Professor de Ciência Política *Humboldt University*.

⁸ Jürgen Habermas: filósofo e sociólogo alemão. Foi assistente de pesquisa em Frankfurt, chegando a trabalhar com Max Horkheimer (1895-1973) e Theodor Adorno (1903-1969). Cf. <https://www.katholisch.de/artikel/22043-juergen-habermas-er-denkt-noch-lange-nicht-ans-aufhoeren>. Acesso em: 21 nov. 2022.

⁹ Manuel Castells: professor de Sociologia na Universidade Aberta da Catalunha (UOC), em Barcelona.

Brasil, culminando em conflitos, movimentos e fenômenos políticos abordados no capítulo subsequente.

Nesse sentido, no quarto capítulo da obra compreendemos melhor a força da classe trabalhadora através da análise de fenômenos como a primavera árabe; mobilizações internacionais da juventude; primavera feminista e do *Black Lives Matter* nos Estados Unidos. Iuri Tonelo consegue realizar a síntese desses eventos de modo a chamar nossa atenção para o caráter político, econômico e sociológico dessas manifestações, defendendo a ideia de como, no plano internacional, a materialização de conflitos e os efeitos da crise financeira de 2008 agudizam a precariedade da vida de amplos setores sociais:

Um dos efeitos mais significativos da queda do Lehman Brothers foi a propulsão de lutas, protestos, mobilizações e movimentos, uma ampla gama de conflitos tanto da juventude quanto de trabalhadores na busca por seu direito ao futuro e para não ter que carregar o peso da crise econômica. Como um monstro adormecido que acaba de despertar e, ainda sonolento, procura alguma reação, a entrada em cena desses setores massivos não foi decidida sem contradições; pelo contrário, expressou nos processos os trinta anos de paralisia. O decisivo aqui é que, carregando todas as heranças do passado, a luta de classes voltou ao palco de forma sistemática, persistente e, em alguns casos, com alguns aspectos de realidade (TONELO, 2021, p. 143).

Ao retomar o pensamento de Antonio Gramsci, Tonelo (2021) faz emergir a categoria de crise orgânica — uma crise profunda e de grande dimensão, que ultrapassa a crise conjuntural inerente ao modo de produção capitalista, sendo, portanto, uma crise social, política, econômica e ambiental na contemporaneidade —, para explicar como esses processos também dizem respeito à crise de representatividade das classes, que diante da abertura política provocada pela perda de hegemonia, há ascensão de figuras carismáticas ou autodenominadas como de fora da cena política, exemplificando o caso brasileiro com Bolsonaro e o estadunidense com Donald Trump:

Embora possa haver particularidades entre países, como indica Gramsci, o que unifica o conceito é o conteúdo de 'crise de hegemonia da classe dirigente', uma 'crise de autoridade', exposta na separação entre representantes e representados que, a depender de seu grau, atinge elementos da autoridade estatal em seu conjunto. Nas palavras do italiano, a classe dominante deixa de ser dirigente (TONELO, 2021, p. 197).

Ao retomar Gramsci dentro de uma chave que vincula a crise orgânica a perda de autoridade das classes dominantes, Iuri Tonelo consegue explicar como essa crise tem como elemento inerente a si, no plano internacional, a falência da dominação neoliberal, que se materializa distintamente em cada formação econômico-social. Para o autor, o epicentro dessas manifestações de crise orgânica podem ser encontradas em países da Europa como Espanha, Portugal, Itália e Inglaterra com o Brexit, além dos Estados Unidos com Donald Trump e o caso brasileiro com a eleição de Bolsonaro em 2018:

Para ficarmos apenas com um exemplo, talvez o mais expressivo, tomemos o caso brasileiro, em que a crise orgânica se desenvolveu claramente após as Jornadas de junho de 2013, que começam progressistas, com demandas sociais (transporte, saúde, educação), mas também se voltam contra o Partido dos Trabalhadores (então governo federal), e são seguidas pelas medidas de ajuste neoliberal do segundo governo Dilma, eleito em 2014, coincidindo com a recessão. Daqui surgem um conjunto de condições para debilitar o PT — partido que foi um dos pilares da ‘Nova República’ — via operação Lava Jato (acertando outros partidos do regime político), com a crise orgânica brasileira se escancarando no *impeachment* de Dilma Rousseff em 2016 e na posterior ascensão de Jair Bolsonaro, um presidente de extrema-direita, em 2018 (TONELO, 2021, p. 202, grifo do autor).

Essas noções e evidências acumuladas nesses quatro capítulos da obra demarcam para Iuri Tonelo um terreno que, do ponto de vista político, precisa ser trilhado pelas forças sociais interessadas na superação de uma sociabilidade que tem na exploração do trabalho seu demiurgo. Sendo assim, no quinto e último capítulo do livro temos acesso a um balanço crítico acerca da necessidade de retomada do marxismo revolucionário, pautado em elementos estratégicos e na independência de classe para fomentação de uma nova sociabilidade.

Nesse ponto, o autor faz um retorno à crise econômica de 2008, sob o olhar do concreto pensado e da soma das múltiplas determinações que engendraram essa crise. Em meio a essa reflexão, também mantém um diálogo crítico com o pensamento de intelectuais como Adorno, no sentido de criticar a visão resignada que o sociólogo alemão teve em relação ao descrédito para com as classes trabalhadoras enquanto sujeito histórico da promoção de mudanças sociais profundas. Tonelo (2021) faz um destaque sobre a necessidade atual do pensamento crítico e com independência de classe, para que a práxis se encarne nas massas e promova

alterações concretas de modo a materializar uma sociedade sem classes e exploração.

Para o autor, na atual fase do capitalismo, marcada, sobretudo, pela predominância do capital financeiro, as crises que temos vivenciado não implicam mais num processo cíclico de destruição das forças produtivas e retomada de lucro, diante da acumulação do capital na esfera financeira internacional, e pelas próprias contradições inerentes à sociabilidade capitalista, observa um panorama deletério das condições de vida das classes trabalhadoras em todo o mundo. A Pandemia de Covid-19 é um exemplo didático dessa questão, longe de ser um fenômeno meramente biológico, a pandemia é resultado de um processo de internacionalização dos fluxos de exploração e opressão capitalista, influenciando naquilo que autores como Foster (2005); Mészáros (2015) e Saito (2021), vão refletir sobre a ruptura sociometabólica entre o homem e a natureza, que na sociabilidade capitalista é fetichizada pela exploração e geração de mais-valor mediante exploração do trabalho.

Nesse sentido, o livro de Iuri Tonelo chega num momento oportuno em termos de elaboração de um pensamento crítico, que não paira sobre a superficialidade dos fatos, explicando os elementos da crise econômica de 2008 pelo viés sociológico, de modo a dialogar com instâncias políticas e econômicas que o fenômeno exigiu no decorrer de sua pesquisa. Essa produção crítica também nos ajuda a entender como o regime político brasileiro abriu a perspectiva para o ascenso de um político de extrema-direita como Jair Bolsonaro, e o próprio modo como seu governo realizou a gestão da pandemia de Covid-19, levando o Brasil a ser um dos países mais mortais do mundo, que segundo os dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), totaliza 34.938.073 casos positivos de Covid e cerca de 688.764 óbitos¹⁰, figurando entre os países com mais óbitos absolutos, e um dos primeiros colocados em termos relativos à população, atrás apenas do Chile e do Peru consoante os dados do *Our World in Data*¹¹.

Num cenário de negacionismo científico, sabotagem do Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro, disseminação de *fake news* e adoção de uma estratégia de “imunização de rebanho” adotada pelo governo federal, que levaram o Brasil a se tornar um pária mundial em termos de condução da crise sanitária (VENTURA; BUENO, 2021), o livro de Iuri Tonelo nos ajuda a compreender, que para além da superficialidade dos marcos

¹⁰ Salientamos que esses dados foram consultados no momento de escrita da resenha através do banco de dados epidemiológicos da OMS. Cf. <https://covid19.who.int/>. Acesso em: 21 nov. 2022.

¹¹ Cf. <https://ourworldindata.org/>. Acesso em: 21 nov. 2022.

TONELO, Iuri. **No entanto, ela se move: a crise de 2008 e a nova dinâmica do capitalismo**. São Paulo: Boitempo e Edições Iskra, 2021. 286p.

institucionais, o que figura como elemento central da manifestação desses fenômenos é o capitalismo, sua crise e suas distintas manifestações nas formações econômico-sociais.

Por esses elementos, o livro em tela resenhado é indicado não apenas para a academia, mas também para movimentos sociais e organizações políticas que almejam por um pensamento crítico e refinado. A didática, exposição dos elementos empíricos e a pluma na escrita são qualidades do autor em se fazer entender para os distintos segmentos da sociedade, sendo assim, um livro recomendado para os mais variados cursos e áreas de formação, não se restringindo a um único campo do saber.

Referências

FOSTER, Bellamy. **A ecologia de Marx: materialismo e natureza**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005.

MARX, Karl. **O Capital-Livro 1: Crítica da economia política. Livro 1: O processo de produção do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

MARX, Karl. **O capital-Livro 2: Crítica da economia política. Livro 2: O processo de circulação do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

MARX, Karl. **O Capital-Livro 3: Crítica da economia política. Livro3: O processo Global de produção capitalista**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. Boitempo Editorial, 2015.

SAITO, Kohei. **O ecossocialismo de Karl Marx: capitalismo, natureza e a crítica inacabada à economia política**. Boitempo Editorial, 2021.

TONELO, Iuri. **No entanto, ela se move: a crise de 2008 e a nova dinâmica do capitalismo**. São Paulo: Boitempo e Edições Iskra, 2021.

VENTURA, Deisy de Freitas Lima; BUENO, Flávia Thedim Costa. De líder a pária de la salud global: Brasil como laboratório del “neoliberalismo epidemiológico” ante la Covid-19. **Foro internacional**, v. 61, n. 2, p. 427-467, 2021. Disponível em: <https://forointernacional.colmex.mx/index.php/fi/article/view/2835>. Acesso em: 21 nov. 2022.

CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 39 (2024).